

Pedagogia descolonizante

Experiências CTS que descentralizam nossas ideias CTS

Lindsay Smith¹

Martín Pérez Comisso²

Manuela Fonseca³

Ayelen Cavalli⁴

Octavio Muciño⁵

Tomás Carroza⁶

Mary Jane Parmentier⁷

Jeanne Simon⁸

Annel Vasquez⁹

Clara Tinoco¹⁰

“Se a estrutura não permitir o diálogo, a estrutura deve ser mudada”

PAULO FREIRE

INTRODUÇÃO

Como podemos descentralizar nosso pensamento CTS? Na Arizona State University (ASU), uma das universidades que presume ser mais inovadoras e inclusivas dos Estados Unidos, muitas vezes ignoramos o privilégio de publicar no idioma hegemônico (inglês no meio acadêmico), de pesquisar a partir do Norte Global, ou de ter estruturas que facilitem o trânsito, a difusão e o reconhecimento de ideias que muitas vezes estão ausentes no Sul Global. Neste relatório queremos

1 Professora Assistente, Escola para o Futuro da Inovação na Sociedade. Universidade Estadual do Arizona. Estados Unidos da América. <lsmit101@asu.edu>

2 Estudante de doutorado, Escola para o Futuro da Inovação na Sociedade Arizona State University, Estados Unidos da América. <maperezc@asu.edu>

3 Instrutora, Universidad Nacional de la Plata, Argentina. <manuelafonsecaps@gmail.com>

4 Professor, Universidad Nacional de la Plata, Argentina. <ayelencavalli@gmail.com>

5 Estudante de doutorado. Escola para o Futuro da Inovação na Sociedade. Arizona State University, Estados Unidos da América. <omucino@asu.edu>

6 Professor assistente, Universidad Nacional de la Plata, Argentina. <tomascarrozza@gmail.com>

7 Professora, Escola para o Futuro da Inovação na Sociedade. Arizona State University, Estados Unidos da América. <MJ.Parmentier@asu.edu>

8 Professora associada, Universidad de Concepción, Chile <jeannesimon@gmail.com>

9 Professor Associado, Universidade de Guadalajara, México <annelavazqueza@gmail.com>

10 Estudante de doutorado, Universidad de Concepción, Chile. <tinoco.clara@gmail.com>

compartilhar alguns de nossos desafios na tentativa de descolonizar nossas práticas de conhecimento no ensino de CTS na ASU, através da experiência de aprendizagem, que inicialmente era baseado no modelo COIL (ESCHE, 2018), mas rapidamente tomou outra forma. Começaremos descrevendo o contexto da experiência e alguns aprendizados sob a forma de princípios de co-design dentro deste processo de descolonização de nossas formas de ensino e pesquisa.

DESENVOLVIMENTO

No início de 2019, com uma clara necessidade, mas sem caminho para começar, partimos com alguns estudantes internacionais em um movimento experimental para nos aproximar de diversas maneiras de entender os estudos da CTS em todo o mundo. Isto foi liderado por acadêmicos com experiência em pesquisa e colaboração na região, bem como com redes ativas em diversos países como Argentina, Chile, Peru, Brasil, Equador, Guatemala, Costa Rica e México. Mesmo assim, um projeto que se propõe a descentralizar nossas formas de aprendizagem não pode ser limitado a considerar que o que sabemos é suficiente, e por isso convidamos colegas das Universidades de Mar del Plata, Concepción (Chile) e Guadalajara (México) a co-desenhar uma experiência útil para todas as nossas instituições. O resultado foi o curso *Global Innovations: Latino America*.

Este projeto é um curso síncrono, bilíngüe (espanhol-inglês) e on-line, no qual os estudantes destas quatro instituições poderiam desenvolver habilidades e colocar em prática métodos de pesquisa multidisciplinar em contextos internacionais, particularmente em temas de ciência e tecnologia relevantes para seus países, conectando suas diversas formas de conhecimento em espaços colaborativos. Inspirado pelas idéias de Freire (1970), Mignolo (2011) e Tuhiwai Smith (1999), entre outros, nosso programa foi mais uma lista de ações do que uma coleção de leituras (capacitando nossos alunos a buscar e descobrir autores locais e globais relevantes para seus tópicos). Nosso curso de

7 semanas, inesperadamente, foi programado para o que foram as primeiras semanas de restrições pandêmicas nas Américas: meados de março de 2020, o que em parte facilitou a transição dos estudantes para um curso a distância que requer, como outras experiências internacionais de pesquisa, coordenação com diferentes fusos horários, responsabilidades pessoais, infra-estrutura tecnológica e estilos de pesquisa. Um total de 67 alunos das 4 instituições completou esta primeira versão do curso.

Quando pensamos na circulação global do conhecimento, temos a tendência de imaginar autores de leitura de diferentes lugares. Muitas vezes ignoramos seus idiomas nativos, a capacidade de abordar outros especialistas locais, os métodos e formatos em que a pesquisa é valorizada (em podcasts, vídeos, artigos, livros ou entrevistas de jornais). Todas as formas de conhecimento que as Global Innovations: América Latina assumiram como parte do desafio. Se quiséssemos avançar para formas menos coloniais ou verticais de aprendizagem, muitas de nossas abordagens tinham que mudar. Como professores, em nosso papel de co-designers e mentores das equipes, estabelecemos um conjunto de princípios em nossa experiência de aprendizagem:

- **Intercâmbios simétricos:** entendidos como uma noção de diálogo radical, entre acadêmicos e estudantes como pessoas com experiências válidas e conhecimentos a serem ouvidos como iguais; entre diversas formas de conhecimentos acadêmicos e não acadêmicos a serem incorporados ao projeto de pesquisa e entre idéias do norte e do sul globais, de modo a diminuir as assimetrias epistêmicas que tomamos como certas. Um exemplo disso é o programa de colaboração, que foi alinhado às diversas exigências institucionais e temáticas de todos os participantes (versão em inglês).
- **Sílabus descolonização:** Este princípio tomou duas formas em nossa prática, a primeira foi incorporar leituras específicas sobre descolonização/modernidade que foram em grande

parte produzidas por autores latino-americanos nas últimas décadas, bem como equilibrar fontes entre o Norte e o Sul globais, promovendo diálogos multilíngües e multidisciplinares de idéias que freqüentemente ocorrem em salas de aula no Sul global, mas que são pouco freqüentes nas universidades norte-americanas.

- **Criar um espaço seguro e desafiador:** um espaço de aprendizado bilíngue, internacional e multicultural necessário para desafiar nossos alunos de forma inabitual. Por exemplo, desenvolver materiais em um idioma para apresentar em outro (sem ser uma classe de idioma), ou estabelecer metas ambiciosas em um curto espaço de tempo para atingir os objetivos de cada grupo selecionado para seus projetos. Isto requer considerar a “sala de aula” digital não apenas como um espaço de aprendizagem de conceitos, mas também como um espaço de expressão emocional, uma dimensão comumente ignorada na maioria das universidades modernas, em ambos os hemisférios. Para isso, a equipe desenvolveu um portfólio de atividades que todas as equipes desenvolveram em conjunto (materiais em inglês e espanhol).
- **Aprendizado experimental:** Como o foco de nosso curso foi as metodologias CTS para abordar problemas internacionais, em vez de nos concentrarmos na revisão de múltiplos exemplos, orientamos a experiência como tarefas específicas, abertas, comparáveis mas flexíveis para diversos grupos e ritmos dos alunos. Um exemplo é a utilização de uma folha de role-play para avaliar a posicionalidade dos pesquisadores e sua experiência anterior no início dos projetos. (Disponível como um arquivo excel dinâmico em inglês) Neste sentido, alguns grupos se reuniam semanalmente, enquanto outros trabalhavam utilizando mecanismos de comunicação assíncrona (como o whatsapp, telegrama ou outros programas similares) que lhes permitiam manter a imersão em seus projetos.

- **Pesquisa significativa orientada a produtos:** Finalmente, este curso orientou seus objetivos não para a elaboração de relatórios ou artigos, mas sim para produtos de “mobilização de conhecimento”, que incluíam vídeos, podcasts, páginas da web ou outros artefatos que iam além do público acadêmico. Este desafio, que se alinha com outras experiências, como o Making & Doing da 4S (Society for Social Studies of Science), tornou nosso curso sustentável no prazo definido para a colaboração. Nossos primeiros exemplos incluíram vídeos, podcasts e websites. (Disponível em espanhol)

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Quando em CTS nos referimos ao conhecimento descolonizador, devemos perguntar não apenas sobre as relações geográficas ou políticas, mas também sobre as formas de conhecimento e atores que consideramos válidas em nossas conversas. Global Innovations: América Latina ainda tem muito a aprender e melhorar, mas nossa experiência mostra como nossas salas de aula podem ser aqueles espaços de transformação intelectual que permitem novas formas de entender a ciência e a tecnologia, não apenas a partir de seu estudo crítico, mas também nas infra-estruturas coloniais de aprendizagem (língua, localização, currículo, métodos de pesquisa, estratégias de avaliação) que consideramos válidas.

Acreditamos que no campo CTS temos as ferramentas e capacidades para descolonizar nossas formas de conhecer, e com isso, ser capazes de gerar não apenas caminhos de resistência, mas também de regeneração de novas realidades sócio-técnicas, questionando e descentralizando nossas formas de aprendizagem. Esperamos poder compartilhar mais destes primeiros aprendizados, mas também encontrar mais aliados na região, especialmente no Brasil, que nos permitam incorporar mais perspectivas da ciência e das tecnologias em nosso continente.

REFERENCIAS

ESCHE, Michelle; *Incorporating collaborative online international learning (COIL) into study abroad courses: A training design*. World learning collection. Brattleboro, USA, 2018. Disponível em: <http://digitalcollections.sit.edu/cgi/viewcontent.cgi?article=4140&context=capstones>

FREIRE, Paulo; *Pedagogy of the oppressed*. New York, USA. Continuum. Traducido por M. B. Ramos, 1970.

MIGNOLO, Walter D.; Geopolitics of sensing and knowing: on (de)coloniality, border thinking and epistemic disobedience. *Postcolonial Studies*, 14 (3): 273-283, 2011. DOI: 10.1080/13688790.2011.613105

TUHIWAI SMITH. Linda; *Decolonizing methodologies: Research and indigenous peoples*. Oval Way, London. Zed Books Limited, 2012